



Relevo

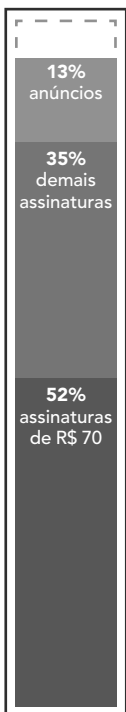
Agosto/2024 – n. 13 a. 14
ISSN 2525-2704 – Periódico
literário independente feito
em Curitiba-PR desde set/2010

DOS CUSTOS DA VIDA

RECEITA BRUTA

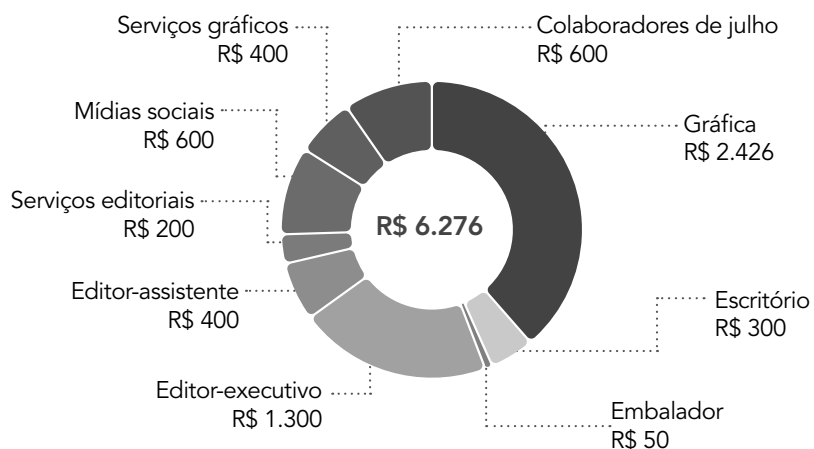
ASSINANTES ▶ R\$ 50 Bibi Cortez; **R\$ 60** Juliana Caroline Cano da Silva; **R\$ 70** Zeh Gustavo; Victor dos Reis Wolffenbittel; Alcemir Emmanuel dos Santos; Ademilson Filocreão Veiga; Paulo Sergio Pamplona Frazão; Maurício Martins; Renato Brad; Maria Eduarda Fontana; Cristiano Pitt; Flavio Sanso; Maria Clara Viana; Bruna Mibielli; Fernanda Frantz; Camila Flausino; Richard Plácido; Beatriz Pacheco; Edeli Saba; Matheus Pferl; William Borges Filho; Felipe Dalke; Rafael Iotti; Luciana Freire; Sarah Munck Vieira; Júnior Bellé; Tiago Seribelo; Junior Henrique Pereira; Camila de Araujo Cabral; Zana Ferreira; Deise Warken; Eduardo Andrade; Lucas Ferreira; Taiana Bubniak; Kawanny Tacon; Lavalle; Casa Eliseu Voronkoff; Lucas Freitas da Rosa; Fernanda Krambeck; Pablo Bonilla Chaves; Ana Lúcia Vasconcelos; Yuri Campagnaro; Felipe Lemes; Christian Schwartz; Gabriel de Paula; Fernanda Dante; Felipe Klein Gussoli; Najla Born; Ana Carolina Chuery; Cesar Marroni Burigo; Rodrigo Madeira; Editora Tabla; Maria Clara Viana; Bruna Steffany; Constança Guimarães; Carol Campos; Ivan Ivanovick; Ronaldo Duarte; Keka Reis; Juliana Berlin; Viriato Gaspar; Daniel Caliman; Matheus Hotz; Ana Paula Antunes Ferreira; Ademilson Filocreão; Mylena Queiroz; Renan Franza; Rinaldo Batista Pereira; **R\$ 80** Eduardo Pereira de Souza; José Carlos da Silva; Oslei Bega Junior; **R\$ 90** Rômulo Cardoso; **R\$ 100** Juarez Cognato; Andreia Fernandes; **R\$ 105** Jaqueline Bohn Donada; Patricia Rojas; Claudia Tajés; Fabíola Fontana; Caroline Justo Ferreira; Diego Silveira Sousa; Diogo Fernandes Honorato; Rafael Capella; Constância Duarte; **R\$ 140** Eduardo Roemers; Antonio Carlos Senkovski; Roney Gomes; Renata Stuani; Klaus Pettinger; Cynara Cypreste; Matheus Rossi; **R\$ 150** Leonardo Barroso; **R\$ 7.765 TOTAL** ◀ 170 Fabiano Favretto; **R\$ 260** Fazia Poesia.

93,58% da meta



ANUNCIANTES ▶ R\$ 200 Flávio Sanso; Luis Felipe Mayorga; **R\$ 150** Pedro Duarte Blanco; Leonardo Simões; **R\$ 100** Editora Litteralux; Leonardo de Oliveira Cordeiro; **R\$ 1.140 TOTAL** ◀ Thássio Ferreira; **R\$ 70** Flesch Notes; Luiz Gustavo Vicente de Sá.

CUSTOS FIXOS



DESPESAS VARIÁVEIS

Transporte: R\$ 200
Correios: R\$ 3.000

DESPESAS ADMINISTRATIVAS

Domínio mensal: R\$ 40

QUANTO SAI A BRINCADEIRA

Entradas totais: **R\$ 8.905**
Saídas totais: **R\$ 9.516**
Resultado operacional: **-R\$ 611**



EXPEDIENTE

Agosto 2024



Editor: Daniel Zanella
Editor-assistente: Mateus Ribeirete
Ombudsman: Zeh Gustavo
Revisão: Às Vezes
Projeto gráfico: Bolívar Escobar
Advogado: Rafael Estorilio
Impressão: Gráfica Exceuni
Tiragem: 4.000

CONSELHO EDITORIAL

Alexandre Guarnieri
Rafael Estorilio
Celso Martini
Rômulo Cardoso
Felipe Harmata
Amanda Vital
Whisner Fraga
Fernanda Dante
Nuno Rau



Edição finalizada em 28 de julho de 2024.

ASSINE / ANUNCIE

O **RelevO** não aceita dinheiro público e se mantém com o apoio de assinantes e anunciantes. Você pode receber o jornal em casa e divulgar sua marca, projeto cultural ou seita de caráter duvidoso aqui mesmo! Saiba mais em jornalrelevo.com/assine e jornalrelevo.com/anuncie ou fale conosco no contato@jornalrelevo.com.

PUBLIQUE

O **RelevO** recebe textos de todos os gêneros, de trechos de romances sobre domos invisíveis a artigos de escritores que gostam, sobretudo, de si mesmos. O **RelevO** recebe ilustrações. O **RelevO** recebe fotografias. O **RelevO** aceita ensaios acadêmicos. Também cartuns, HQs, receitas, bulas, resenhas e ameaças. Saiba mais em jornalrelevo.com/publique.

NEWSLETTER

Bowie, assassinatos, Renascimento e animais pitorescos: nossa newsletter se chama Enclave e vai muito além da literatura. Comprove e assine (de graça) em jornalrelevo.com/enclave.

DAS OBRAS

As ilustrações desta edição são de **Oli Maia**. Você pode conferir mais do trabalho dele em olimaia.net.



SINA

Pedro Eilert • Não basta ser impresso, tem que ser jornal.

Fernando de Oliveira Sikorski • Bom dia, Jornal. Recebi há uma semana a edição de junho de 2024 e mais duas edições de cortesia. Grato! É muito bom poder ler jornal no formato físico, espero que o RelevO tenha vida longa. Na seção de Cartas, reconheci o nome de dois amigos: Beto Pacheco e Rodrigo Madeira. Fiquei pensando se eles realmente as escreveram ou se simplesmente autorizaram a utilização dos nomes para a dita seção (a seção de cartas da Circo Editorial/SP funcionava assim lá no final do século 20). Gostei muito da frase do editorial que sugere que “A nossa inadequação, quem sabe, seja a nossa fortaleza”. Com mais de 50 anos e córtex pré-frontal analógico, me sinto realmente inadequado no mundo pós-moderno digital. Que ela seja minha fortaleza! Forte abraço.

Da redação: Tudo bem, Fernando? De fato, não apenas escrevemos as cartas dos leitores, como ainda emprestamos o cartão pessoal. Seja bem-vindo!

UM NOVO GROTHENDIECK?

Luis Felipe Mayorga • Fiquei extasiado com “Entre o nada e o muito pouco”, conto de Saul Neto na edição de junho de 2024. Não que o final seja apoteótico ou genial; o final chegou porque a história precisava acabar. Mas o durante — esse sim — é uma coisa muito bem escrita, bem divertida (e melancólica e deprimente). Me lembra minha juventude e a juventude de alguns amigos meus (preciso relatar aqui, entre risadas, um amigo que brigou com a mãe e decidiu sair de casa e morar num estabelecimento semelhante ao apresentado no conto, retornando semanalmente à sua progenitora com as roupas sujas para que fossem lavadas. Tal qual um roedor, surrupiava pacotes de biscoito da casa e voltava, orgulhoso, à sua vida independente). Enfim, interessado em encontrar mais obras do autor, me deparei com diversos homônimos nas redes sociais e um vendedor (ou mecânico?) das obsoletas e lendárias máquinas de escrever. Também achei um autor com esse nome na Amazon com três livros; pelos títulos, há potencial de ser ele. Mas como ter certeza? De repente, estou apoiando outro escritor em detrimento do que eu intencionava apoiar. E ficou aí a dúvida sobre como, hoje, encontrar um escritor *low profile*.

BOLÍVAR, O BARBEIRO DE VIRILHA

Edgar Gabriel • Car@s, venho dizer que não só recebi as edições em tempo recorde, creio eu, pois estamos no início do mês, mas também o seguinte: conforme já pontuado nesta seção, as artes (ilustras) estão com um charme especial. Por gentileza, avisem ao Bolívar que trocar de barbeiro é crime inafiançável. Pode-se trocar de

casal, mas de barbeiro e time de futebol, nunca-nunquinha! Aliás, barbeiro em terras de faria-limers, bitcoins e sotaque criticável (como o meu!) é um tanto démodé, já que aqui o termo ficou restrito a tiozão que fuma Derby azul e toma Campari com limão. Os jovens descolados frequentam *hair stylist*, no máximo cabeleireiro (pai tá on, chavoso no degradê!). Sintomas do pós-modernismo? Sem opinião formada. Quanto ao “Museu escatológico”, de Zé Amorim (p. 22), ressuscitou aqui uma lembrança já muito esquecida (banheiro público em SP foi extinto. Aqui ninguém caga, só faz cagada). Outra fonte de inspiração e divertimento eram os anúncios de orelhões (telefones públicos), no geral de travestis e/ou GP. Para se sobressaírem de algum modo, precisavam recorrer à criatividade de milhares de publicitários. Assim como os WC públicos, os famosos orelhões estão extintos. Esta cidade é uma imensa privada privatizada.

Célio Borba • Adorei o artigo “Tributo ao brio do barbeiro sensível”. Muitos conteúdos do RelevO nos instruem no aspecto cultural-literário.

Pedro Guilherme • Olá, pessoal. O Jornal chegou sim! É uma experiência como nenhuma outra poder segurar um exemplar com um conteúdo tão rico e de meu interesse. Parabéns pelo trabalho incrível e muito obrigado pela gentileza de terem me enviado o Jornal de tão longe. Um grande abraço.

MEXERAM COM QUEM NÃO TÁ QUIETO

Claudia Beeck • É aqui que comenta? Alguém avisa pra Jaíne Oster (RelevO de abril de 2024) que eu não consigo imaginar cena mais linda do que um gordinho barulhento comendo a sua pipoca no cinema! Também melhor “adolescente tardio” do que velho precoce. E, por fim, quem não gosta de Cheetos, bom sujeito não é. Beijijos!

Priscila Onório • Boa noite, pessoal. Tudo bem por aí? Sou fã do Jornal, conheci pela primeira vez na Biblioteca Pública do Paraná em Curitiba. Meu sonho é um dia conseguir publicar com vocês. Eu sou professora, em breve, quero assinar. O RelevO traz edições de muita qualidade, sempre com temas importantes. Além de tudo, valoriza os artistas :) Parabéns pelo trabalho. Tenho acompanhado as notícias e os desafios do Jornal nos últimos meses. Não desanimem. Vocês são incríveis.

Andreia Silva • Oi, Jornal! Eu achei vocês quando procurava publicações que aceitavam materiais independentes. Gostei muito do formato e editorial. Logo quando comecei a ler, considerei realmente assinar a versão impressa, porém, infelizmente, não disponho de condições financeiras no momento. Mas, melhorando minha situação

econômica (no momento trabalho coletando e reciclando latinhas), terei o maior prazer em colaborar com vocês. Grande abraço e parabéns pelo trabalho!

Oslei Bega Junior • Gosto muito do trabalho. Parabéns mesmo! Leio todas as edições que recebo.

Celso Moraes • Boa noite! Passando para agradecer pelo envio do exemplar de junho e do livro *PUNK POEMAS*, do Luiz Cláudio Oliveira. Fiquem inteiramente à vontade para mandar surpresas assim sempre que quiserem. Não acho ruim nem um pouco! Lendo o livro e viajando nos textos e ilustrações. Valeu!

Patricia Rojas • Acabou de chegar o envelopim pardo carregado de palavriados. Leitura de uma tarde de inverno “a la baiana”: 27°.

Café Miraphlores • Boa tarde. Meu nome é Flores, falo em nome do Café Miraphlores. Agradeço o envio de dez exemplares impressos do RelevO. A proposta do Miraphlores é ser um espaço dedicado à literatura e, sobretudo, ao surrealismo, meu foco de interesse pessoal. Já fizemos, aqui no café, lançamentos de obras literárias, leitura dramatizada, trocas de livros e projeções de filmes. Quem sabe podemos pensar em alguma parceria entre o Café e o RelevO. Estou à disposição para conversarmos. Quando puder, apareçam conhecer o espaço e tomar um café! Grande abraço!

Jô Ambrozio • Vou assinar com certeza. Sou uma entusiasta de projetos como o de vocês. Foi um amigo que me apresentou, comentei com ele do *Rascunho* e ele já me deu um exemplar que tinha uma entrevista do Guga.

César Marroni Burigo • Peguei o Jornal no Manifesto Café. Adorei os textos e a temática.

ODE AO NONSENSE

Rozana Gastaldi • Cominal Equipe querida do RelevO. De olho em mim, o gato preto sabe que eu pago para receber as 12 edições de papel que mancham meus dedos. Mesmo assim, sou pela inadequação impressa até quando ela durar. Todo mês, torço pro exemplar chegar pelos correios, faça sol, faça chuva... minhas impressões digitais não abrem mão do folhear pelo belo, pelo nonsense, assim espero, desejo e quero. Todo mês, torço pela ruptura da linguagem, quem sabe um insight num canto da página para nunca me sentir anestesiada nem fissurada. Poesia é conexão e bloqueio. Conexão bombástica ao ler os três poemas de Douglas Batalha! Eu nasci antes de vocês, que sorte, que nada, diz Hilda bem exasperada! Maria oferece antítese: “Morre o mundo/ E nasce o mundo”. E o algoritmo que aprisiona amor e desejo, completa Bruna Gonçalves. Um primor a HQ do Contestado aquarelado! Senti bloqueio? Paro e devoro o bagaço da

laranja com gengibre nesse inverno chocho de junho. Concordo com Baga Defente: “(é tão mais fácil ser um gato)”. Forte abraço e até!

Cynara Braga Cypreste • Boa noite, Jornal! Já acompanho vocês faz tempo, encontrando ele sempre nos melhores cantos de Curitiba. Hoje particularmente dei boas risadas no almoço.

Nícolas Rosa • Caros amigos do RelevO. Vi o artigo sobre Mad Max e outras grandes franquias, e concordo imensamente. A gente vive num mundo em que grandes franquias de mídia fazem parte da vida diária das pessoas, e inclusive são parte importante da economia mundial. Eu li o artigo da Wikipedia sobre franquias, e vi lá que franquias como Harry Potter, Star Wars, The Witcher, Zorro, entre outras, valem bilhões cada uma. Elas todas juntas podem valer alguns trilhões de dólares. Tive uma conversa com um chefe no trabalho, recentemente, em que falamos sobre algumas franquias, Star Wars especificamente. Ele perguntou minha opinião sobre os novos rumos de Star Wars. Eu disse que não tinha motivo para reclamar porque não queria me sentir dono do Cânone. Acompanhei alguns filmes e séries, como Rogue One, Boba Fett e The Mandalorian, e gostei, mas ao mesmo tempo cresci vendo desenhos e jogos que foram negados quando a Disney assumiu, e que alguns eu gostava mais do que dos novos. Acho o Clone Wars de Tartakovski uma obra-prima da animação e do roteiro, e acompanhei o novo Clone Wars, em 3D, até um certo limite, ficando cansado de ver mais. Considero que, se George Lucas preferiu vender a franquia e dar à Disney liberdade total para assumir o trabalho, cabia a mim aceitar isso e manter o que eu tinha visto dentro do Cânone, sem brigar com quem vai crescer vendo o novo material. Cresci vendo Dragonball, Yu-Gi-Oh, Pokemon, Beyblade: quando Naruto, Bleach, One Piece surgiram, estava começando a precisar trabalhar, e não gastei energia para ver esses novos desenhos. Do mesmo jeito, comecei a acompanhar The Walking Dead e parei de ver no começo da saga de Negan, porque julguei que já tinha visto o suficiente daquela franquia. Acredito que um dos problemas que temos hoje é o excesso de franquias diferentes disputando por nossa atenção, que está escassa no mundo ocupado que temos hoje. Eles realizam bastante *gold-plating*: contratam os atores mais caros, o diretor mais foda, torram dezenas de milhões em VFX, e muitas vezes o roteiro não segura tudo isso. Isso acaba se tornando um festival de gastos que inclusive esgota o espectador. O efeito da franquia zumbi e vaca de leite é inevitável, e sempre vai ter uma quantidade de jogos e filmes correspondendo a isso, mas também cabe a nós, como consumidores, dar nossa atenção a novas apostas. Temos um pequeno poder em relação a isso, que podemos e devemos usar.

 **CARTAS**

Façamos isso. (E se cabe uma pequena citação honrosa, Aggretsuko conseguiu segurar umas cinco temporadas sem perder a qualidade. Um desenho muito mais profundo que sua estética permite suspeitar.) Grande abraço!

Diego Lopes • “já podemos apertuguesar para ‘prequela?’” Não, não podemos. Nunca vi um apertuguesamento tão preguiçoso quanto esse.

Denise Lipinski • Meu momento nostalgia: mais alguém recebe jornal em casa? Eu leio o **RelevO**.

Adriano Monte Alegre • Senti uma grande emoção quando recebi um e-mail do talentoso [carece de fonte] jornalista, mestre e doutor [carece de fonte] em Teoria Literária e editor do **RelevO**, Daniel Zanella, dizendo que tinha interesse em incluir o meu conto, intitulado “Os vínculos”, em uma das edições do jornal literário. Pois aí está o conto, que ficará registrado na história deste valioso periódico brasileiro de literatura.

Eliane Silva • Os jornais impressos sempre foram o meio de comunicação viável desde a invenção da imprensa. Por meio dele, toda a sociedade estava por dentro das notícias, até se tornar global. Com o advento da internet e a popularização do digital, as informações chegam de forma mais rápida, mas o impresso ainda é uma contribuição autêntica e, no caso do **RelevO**, ele é específico para um público que ama estar por dentro da literatura, da arte que não está disponível e por vezes não chega a todo mundo.

Eduardo C. Souza • Sobre hábitos de leitura, no meu caso, o Jornal fica jogado na estante SIM 🤪 mas a leitura passeia saborosa depois.

UM DIÁLOGO

Jornal: Tudo bem, Elena? Como anda a correria da vida? E nessa correria da vida... Venceu a nossa assinatura do **RelevO**. Vamos que vamos em mais uma temporada com a gente?

Elena Matuto: Poxa, eu gostaria, mas o **RelevO** nunca publicou um escrito meu. Não que isso seja necessário pra eu renovar, pois gosto do conteúdo... É que costume priorizar os jornais que também gostam da minha literatura.

Jornal: É... Realmente, se isso é um fator, nós não somos o jornal mais adequado. Porque é um conselho editorial que avalia os conteúdos enviados. E isso não se comunica com o comercial. Mas agradecemos muito a sua temporada ao nosso lado. Ah, só uma última pergunta, por curiosidade: você somente renovaria a assinatura da *piauí* se ela a publicasse?

 **EDITORIAL**

“Como pensar o silêncio no meio de tão vasta explosão?”


Em 2017, em entrevista ao *Diario de Sevilla*, David Le Breton desenvolveu um ideário a favor da quietude, o silêncio como forma de resistência. “Boa parte da nossa relação com o ruído procede do desenvolvimento tecnológico, especialmente em seu caráter mais portátil: sempre carregamos sobre nós dispositivos que nos recordam que estamos conectados, que nos avisam quando recebemos uma mensagem, que organizam os nossos horários com base no ruído. Esta circunstância veio incorporar-se às que já haviam tomado forma no século 20 como hábitos contrários ao silêncio, especialmente nas grandes cidades, governadas pelo tráfego de veículos e por numerosas variedades de contaminação acústica”.

Na contemporaneidade, de fato, o silêncio tornou-se um luxo raro. Como definiu Eugênio Bucci, “Como pensar o silêncio no meio de tão vasta explosão? (Explosão, aliás, duradoura e persistente, que não é de hoje, que vem se intensificando pelo menos desde o final do século 19)”. O silêncio é uma ética. As nossas vidas são permeadas por um constante fluxo de informações, notificações e alertas que competem por nossa atenção, fragmentando nosso foco e nos empurrando para hábitos de hamster. A tecnologia, embora revolucionária em sua capacidade de conectar e facilitar — e não estamos aqui para defender luditas —, também nos joga a um ciclo incessante de estímulos sonoros e visuais, a uma certa prosa infinita do mundo, produzindo ruídos internos crônicos. Não é difícil observar a qualidade de nossas interações, envolvidos que somos por pastéis de vento emocionais.

O silêncio, para um jornal de literatura, por exemplo, não é apenas necessário, e sim a substância primeira de sua consolidação, uma forma de sobrevivência da experiência. Nesse sentido, torna-se uma forma analógica de resistência — termo cujo processo de banalização agora reforçamos. Resistir à tentação de estar constantemente conectado, resistir à pressão de responder imediatamente a cada notificação, resistir à cacofonia moderna que ameaça nossa capacidade de introspecção. Hoje, a resistência ao ruído é, de certa forma, uma resistência ao próprio fluxo do tempo moderno. O pesquisador Adauto Novaes define a experiência de ser contemporâneo como fluxo tagarela: “Damos com muita facilidade e até certo desprezo um ‘adeus’ às palavras de maneira tão tirânica e tão natural que nem conseguimos colher imagens que ela nos propõe. Sem o tempo do pensamento, a simplicidade das palavras e a riqueza dos sentidos desaparecem no fluxo tagarela. Sem a experiência do silêncio não se entende o que se diz. Ora, conhecer uma coisa é experiência; conhecer o sentido da fala é experiência”. Seria verdade, então, que somente é capaz de silêncio um ser que pode falar que tem linguagem? Quem nunca diz nada, assim como quem nada tem a dizer, não consegue guardar silêncio?

Se pensarmos no Adonis de “Você, coisa incompleta, inicia a perfeição” como uma estratégia de definir um leitor, chegamos ao valor final absoluto: quem dá vida ao texto, transformando página em alguma coisa além de uma palavra colada na outra, é o leitor que se rebela contra o ruído, que, nas palavras de Frédéric Gros, faz do silêncio uma superfície isolante branca que serve de anteparo diante do ruído.

O caminho foi cantado há muito tempo pelos Secos & Molhados: “Eu não sei dizer / Nada por dizer / Então eu escuto (...) Eu só vou falar / Na hora de falar / Então eu escuto”.

Uma boa leitura a todos. 

 **APOIADORES**


Banca Tatui www.bancatatui.com.br
Desenho por Angela León

São Paulo / SP

Zeh Gustavo

DE COMO OUTRAR É PRECISO e a máquina de triturar autores (e seus livrinhos)

Naturalizou-se a disgrama: a literatura-literatura (alô, Odvan! abraço, Luxa!) depender de autores venderem seus livrinhos aos amigos e parentela; livrinhos esses fabricados por editoras cujos clientes são os próprios autores, por sinal vistos como menos que clientes, algo como uma *gente chata, que não entende o processo*.

*

Vivemos do descontão de 30% de que falei de passagem na última coluna, concedido para comprarmos e doarmos ou revendermos, de mão em mão, nossas próprias obras. Não se fala mais em remuneração dos autores. Não se fala mais em distribuição. E faz é tempo! O livro (não) é vendido no site da editora. Não há estratégia de lançamento, cuja organização igualmente recai nos ombros dos autores. Aí vem as feiras — para as quais você se desloca com os seus próprios recursos, se delas a editora participa. Carece sim dizer: não está bom, não está justo.

*

Não, não meti atestado. E sei o que li no jornal passado. Por exemplo, a espécie de *autoalta* que Diana Joucovski se deu para contar que “alguns já nascem como a noite: demasiados, indomáveis, criaturas horrendas passionais, tão humanas que beiram à desumanidade”. Laura Redfern Navarro, por sua vez, nos apresentou ao termo *autubiografia*: escrita do si no tu. Com todo o respeito, é claro!

*

F. Da Costa ilustrou com traço peculiar e manchadiço uma edição de diagramação redondíssima. Nem sempre atentamos à forma, adictos que ficamos em conteúdo. Largados na ilha, desprezamos o continente, inscrevemos em nossa fala diária que queremos ir ao mar, seja como for: “mas nada dos rudimentos / passa em branco”, nem mesmo aquela “faísca alada / que saltita pela casa/ inundada de noite / e anseios quebrados”, como verseja Nadja Rodrigues.

*

Há que notarmos, ainda, a inquietação com que o **Relevo** aborda o tempo. Não, não é sacanagem: filosofia, que chama!

Em pleno e pelo impresso.

*

Enshittification e gamificação são duas fases do mesmo jogo de tornar as experiências da vida em unidades de um negócio pulsional absolutamente descartável.

*

Nós escribas aceitarmos de boníssima pagar pelo nosso trabalho deve-se à premência um tanto egoica mas também altruísta ou missionária que temos de continuar a produzir e lançar nossas coisas, fato. Contudo, o silenciamento a respeito das más condições em que isso se efetiva remete a uma autoimagem rebaixada a ponto de fazer corar o vira-latas complexado do Nelsão; e/ou à condição de pertença, de tantos, a uma classe mais remediada, outro fato. Mas, olho no lance (saudade, Silvio Luiz!): se sucumbimos diante das contingências como se elas fossem inescapáveis (*coitada da editora, ela é pequena!*), quem achamos que vamos enganar com isso, além dos nossos mais chegados, que já devem estar de saco cheio de, sozinhos, nos *prestigiarem?*

*

O eu é o centro e o alvo do descarte vital consentido. Outrar é preciso. Até para obrar.

*

Fechando o *reclame do ombudsman*: causam-me, até hoje, absoluta perplexidade o surgimento e a longevidade de (bons) prêmios que requerem a concorrência exclusiva de autores inéditos. Que raios de fetiche é esse de renovar o cabedal de futuros trabalhadores precários do meio (*fodidos privilegiados*, como dizia o saudoso Abujamra!) lhes dando uma oportunidade que não vai se repetir logo adiante?

*

A gente brinca porque ainda está num certo (falso) controle. Porém, os *mad menx* estão aí, *na raça!*, nos pedindo um soco na cara que nunca lhes damos. “O que você afinal faz no seu trampo? Ah, *meu*, eu sou um criativo!”. Não se engane: eles parecem fofos, mas merecem uma morte lenta e cruel.



Na dúvida, é melhor não mentir

Em seu romance de estreia, escritor aborda questões contundentes como prostituição infantil e *fake news*.

“A mentira é o único privilégio do homem sobre todos os outros animais”, sentencia Dostoiévski em sua obra-prima *Crime e Castigo*.

Partindo dessa premissa, o escritor Luiz Gustavo de Sá apresenta seu novo livro, o romance **Na dúvida, é melhor não mentir**, que está saindo pela editora **Penalux**.

O livro é protagonizado por Ricardo Galego, um jornalista desempregado que vem levando uma vida niilista e sem maiores pretensões, até que a inesperada gravidez de sua namorada surge para sacudi-lo do seu torpor. A exemplo de Bentinho, personagem machadiano do romance *Dom Casmurro*, Ricardo também tem dúvidas sobre a paternidade do filho que sua companheira espera.

Segundo o autor, a ideia principal do livro é levantar discussões sobre as noções de “verdade” e “mentira”. “Devemos fazer distinções entre as verdades que são subjetivas, que não servem para todos, e as mentiras descaradas, usadas deliberadamente com diversos propósitos, tanto a nível pessoal quanto midiático”, diz Gustavo. Segundo o autor, a ideia principal do livro é levantar discussões sobre as noções de “verdade” e “mentira”. “Devemos fazer distinções entre as verdades que são subjetivas, que não servem para todos, e as mentiras descaradas, usadas deliberadamente com diversos propósitos, tanto a nível pessoal quanto midiático”, diz Gustavo.

Na dúvida, é melhor não mentir

Luiz Gustavo de Sá
R\$ 45 (174 p., Penalux, 2023).
editorapenalux.com.br/loja/na-duvida-e-melhor-nao-mentir

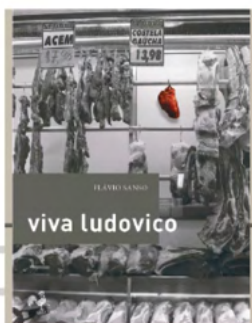
@escritormayorga

O que acontece quando um repórter *junkie* é isolado com 30 militares a 1200km do continente? Descubra em **PSICOTRÓPICOS DE CAPRICÓRNIO NA ILHA DA TRINDADE**

operaeditorial.com.br



Adonis

Poemas de *Odes à Errância* (Editora Tabla, 2024), tradução de Michel Sleiman

Flávio Sanso

Aos açougueiros deveria ser garantido o direito a tratamento psicológico. Por que não? Lidam com a matança em série, produzem a carnificina em estado bruto. Já não parece motivo suficiente? É que a prática reiterada torna os nervos acostumados. Mas eis que durante o procedimento de abate, o açougueiro retratado nestas páginas encara o enorme animal pendurado e, num rompante de sensibilidade, é acometido pelo surto que o empurra para dentro de um turbilhão de acontecimentos insólitos. A partir daí é só alvoroço. Não é para menos, levando em conta a improvável convivência que se dá entre o açougueiro e Ludovico, criatura pródiga em espalhar transformações por onde atravessam suas passadas planejadas e elegantes que avançam como se acariciando o solo. Esta é mesmo uma história de transformações. E de sentimentos vibrantes, de ânimos despertados. E também de vida ou morte, mais vida do que morte, na medida em que conforme Ludovico vai teimando em se manter vivo, o sentido das coisas ao redor, até então sempre muito imperceptíveis, vai ganhando colorido de revelação. Viva Ludovico.

Para mais detalhes, acesse flaviosanso.com

HINO À SEDUÇÃO DO TUDO

De fato. O espaço em Alquds tem formato de jaula: o universo inteiro em mil metros quadrados!

Pilhas de papel, deixadas nos entroncamentos, em forma de livros, retangulares. Caudalosa, flui nessas pilhas uma tinta na velocidade de vinte séculos nas letras, trinta nas vírgulas e incontáveis nos pontos.

Pilhas que a poupa Hudhud de Suleiman bica linha por linha!

Os livros sagrados caíram no poço?

“A rocha de Alquds é uma rocha do Paraíso.”

Romanos, coptas, assírios, caldeus, siríacos, católicos, armênios, etíopes, curdos, turcos, circassianos, africanos, magrebinos, refugiados, camponeses, urbanos, judeus, árabes, umidade, calor, faláfel, incenso, assentamentos, ocupações, pombas, pombos, carros, Pepsi-Cola, minaretes, sinos num só quilômetro quadrado!

“Na Porta Santa as almas se aglomeram para ouvir o veredito.”

“Aos peregrinos ou visitantes que vão da Mesquita de Alaqa à Mesquita Sagrada Deus perdoará as faltas do passado e as faltas do porvir. Servir-se-ão do Paraíso.”

A casa se despede das memórias. A poeira do entorno se levanta das frestas num vento que revira a cabeça dos dias, na violência de gafanhotos que devoram as plantas do tempo.

Mulheres plantaram seu ventre na terra do sonho e delegaram a Deus a colheita. Algumas dentre elas morrem ao cair da noite e nascem com a aurora e outras escrevem o suspiro do apaixonado na paciência de um sábio. Outras, ainda, levam um pano sobre os ombros, que julgam ser estola.



Só se ouve o som das tormentas batendo no metal. A luz salta confusa de um metal para outro.

Fantasmas de diversas formas se desfazem-refazem na axila do espaço.

O Mediterrâneo parece às vezes um trono dinástico e às vezes o Trono Divino.

A era é gordura que a mão descarnada disputa. O desejo assenta o corpo no metal e a alma no asfalto.

Você, água, é verdade que deixará o barro?

Noite, espalhe suas estrelas por cima de Alquds.

Os profetas da vigília dormem entre os corpos. O barro estanca aos pés da cidade e se reparte em desertos e túneis.

O que será daquelas tábuas que caíram do céu?

E dos demônios e seus exércitos? E dos anjos e seus deuses?

E da terra e seus filhos?

Alguém mais conhece Alquds além das estrelas?

DIVISÓRIAS

Nuvens

enxugam o rosto dos cumes com seus cílios.

•

Nuvens não querem se separar das montanhas.

Vivem assim: em luta eterna para conciliar seus desejos.

•

Aonde quer que vá, poeta, aqui, na Montanha Amarela,
encontrará seu rosto desenhado.

Aqui o desenho é traçado pela mão do ar no cavalete
da luz.

•

Perguntei: O que é a realidade?

Pergunta fraca, amigo.

Procure outra base para a pergunta, por exemplo:

Por que as palavras não têm mais roupas para vestir
nas bodas que celebram as coisas do presente?

•

Aqueles que leem profecias

nadam em lagos secos.

•

Por que não vejo aqui nenhuma formiga a rolar estrela?

Estou a ponto de dizer a minhas tristezas:

Deixem-me, procurem caravanas
que não migrem e não se fixem.

•

É verdade que as estrelas moram no topo das árvores

como diz uma antiga árvore que se arroga profecia?

•

Você, coisa incompleta,

inicia a perfeição.

Grave

Comecei a ler Adonis na década de 1990, entre Damasco e Beirute,
ou melhor, entre a mesquita de Alualid e a Rua Hamra, quando

eu corria apaixonado ao Líbano e à Síria, a dar braçadas

na língua árabe, nos livros de Darwich e Adonis. Mil ideias

fervilhavam, peripécias, entre as ruínas de então, passadas

e futuras, ao longo de uma nuvem carregada, impressentida.

Janeiro de 2007. Conheci Adonis no café Les Deux Magots. Um

sábado de sol que desmentia o inverno. Ou quase. Uma

echarpe vermelha parecia ancorá-lo no espaço-tempo. Estava

com a psicanalista e tradutora Houria Abdelouahed,

de olhos agudos e cabelos pretos.

A conversa foi uma ode à errância, ao aberto, ao risco, ao jogo.

À beleza de Damasco, antes da guerra civil, tão fascinante.

E à poesia de Hallaj, como se Adonis falasse de um amigo:

Todo grande poeta é um filósofo. Almaarri é a quem mais

admira, cego, noturno, radical. Diz que os poemas suspensos,

antes do Islã, guardam, em ato e potência, toda a

riqueza da poesia árabe.

Admira-se da poesia sufi, amplos elogios, análoga ao surrealismo,

pela ousadia da forma e plasticidade, inteligência do corte,

transição conceitual. Um dos legados mais poderosos

da língua árabe, sem perder autonomia diante da religião.

Falamos de Yunus e Rumi, místicos, rebeldes, em busca da

Meca interior, onde cintila a negra Caaba. Fala dos ensaios

de seu amigo Salah Stetié, ensaísta e poeta cristalino. Cita

Baudelaire e Mallarmé, por ele traduzidos parcialmente.

Anos a fio mergulhado na poesia árabe, Adonis procura resgatá-la,

redesenhá-la. Boa parte de seus livros responde a tal

desafio. Não renuncia ao árabe, quando escreve. Língua de

exílio e intervalo. Não porque more em Paris, insiste. Todo

poeta vive o exílio da língua, para melhor explorá-la, som

e sentido, como quem passa fronteiras, ao longo de sua

corrente sanguínea, orgânica e social.

Não pode haver poeta sem projeto. Assim como, para Mario Luzi,

não pode haver poeta desprovido de uma cosmologia.

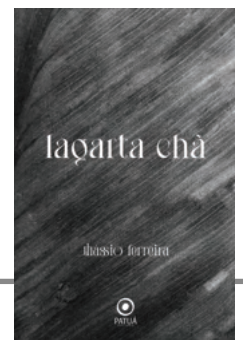
É o que vejo neste livro fascinante. A conversa inacabada, infinita,

que se prolonga, nos tempos em que Adonis e eu éramos

bem mais jovens, cada qual a seu modo, assim como

Sleiman que o traduzia, faz tempo, com altíssima adesão.

Trecho de “Sonatina para Morrer”, prefácio de Marco Lucchesi



Daí a brisa forte e sadia
que vem deste novo livro
de Thássio Ferreira, muito
felizmente chamado *lagarta
chá*. Algo que responde
ao mundo, mas anseia o
que não se contenta na
resposta – antes convoca,
aponta, desdobra. O que
temos aqui é, como nunca
deixará de ser necessário,
um encantamento múltiplo
com o ponto mais chã,
a coisa mais chã:
das turbinas às lagartas,
dos mucos às galáxias,
passando pelas casas, as
plantas, os poetas, os corpos,
as parafernálias que
fazem uma vida, muitas
vidas.

(Guilherme Gontijo Flores)

Um livro sobre o tempo.
O tempo do autor de
dizer o que precisa ser
dito. O tempo de olhar
para si e para os seus.
De observar os ciclos
para compreender que a
vida se torna infinita no
presente. A contagem
do tempo pelas relações
sexuais/afetivas efêmeras.
Um livro sobre o fazer
poético, porém mais do
que isso, sobre a experi-
ência do corpo com a
linguagem. Poesia e tem-
po são grandes aliados,
principalmente quando se
entende a primeira como
resistência à barbárie, tão
presente hoje. Em *la-
garta chá*, Thássio busca
na poesia desenganar a
fragilidade da existência,
dialogando com o pre-
sente e a memória, para
afirmar o direito à vida.
(Ramon Nunes Mello)

O livro pode ser adquirido
autografado diretamente
com o autor, pelo email
thassioescritor@gmail.
com, ou no site da editora
Patua.





Já imaginou se a cena mais famosa pintada por Debret ganhasse movimento?

E se Debret adotasse como discípulo um escravizado retratado por ele?

Não é curioso que recentemente o primeiro imperador havido nestas terras do Pau-Brasil tenha sido exumado para o deleite de quem tenha curiosidade de conhecer seus ossos e vestes fúnebres?

Flávio Sanso, autor do livro *Viva Ludovico*, lança o romance “A boa lição” (leia rápido, repetidamente e perceba o efeito), em que as divagações acima se entrelaçam em uma narrativa que mistura fatos históricos e ficção.

Sinopse e link para compra no site flaviosanso.com

Rodrigo Madeira

Poemas integrantes do livro *Num único dia* (Editora Primata, 2024)

[parrillada]

Déjense de pamplinas

Aquí no piensa haber gato encerrado.

Nicanor Parra

Não prove mais nada pra ninguém. Sente sobre seu cadáver e fique contando os azulejos.

Se um macaco cair da árvore, não ria.

Quando estiver quase gozando, faça política.

Profane o túmulo de seu pai. Mesmo que ele esteja vivo.

Depois de cortar a cabeça do rei, beije-lhe a boca.

Assim que ressuscitar, se mate.

Toda vez que chover muito forte, enxugue suas árvores.

Sequestre Elon Musk. E peça o resgate em alexandrinos.

Divida a largura do horizonte pela profundidade do inferno.

Multiplique por sete.

Logo após comprar um relógio, não esqueça de arrancar a bateria.

44

Como um desses cretinos que desciam num barril o Niágara, desci num barril a Garganta do Diabo.

Fui dar à margem ensopado, com musgo nos ouvidos e uma Bic estourada, o papel espapaçado nos bolsos da calça.

Em poesia, porém, existem milogros e milagres: a Bic ainda escrevia, o papel estava sequinho sequinho...

Mas, no exato momento de eternizar os melhores versos da minha vida, furei o papel contra a grama, em três ou quatro lugares, como se estivesse batendo ponto na Academia Paranaense de Letras.

Não fosse a vida, o dia lindo que fazia, a coisa toda teria sido um patético fracasso.

Há infinitos barris nos esperando lá no alto. Inúmeros cabeçudos com suas Bics, seus barris fazendo água, seus papéis a postos nos bolsos das calças.

Gravei três versinhos promissores para uma próxima descida.

Espero não esquecer essas linhas (a poesia é um tricô/ de arame farado, a/ menstruação da velhice) na volta pra casa.

*você tem
um livro de poesia?*

*nós temos
seus leitores*

*envie um email para
contato@faziapoesia.com.br
e inclua sua obra nos canais do portal Fazia Poesia*

45

[pruma orelhinha de livro]
 Coça seu ânus?
 Ele ganhou um prêmio.

E se distrai?
 Ele ganhou um prêmio.

Qual o seu nome?
 Ele ganhou um prêmio.

Onde ele mora?
 Ele ganhou um prêmio.

Qual sua idade?
 Ele ganhou um prêmio.

Quando ele chora?
 Ele ganhou um prêmio.

O que ele pensa?
 Ele ganhou um prêmio.

O que ele sente?
 Ele ganhou um prêmio.

E o que ressentido?
 Ele ganhou um prêmio.

Quanto perdeu?
 Ele ganhou um prêmio.

Ele nos ama?
 Ele ganhou um prêmio.

Fala francês?
 Ele ganhou um prêmio.

Ele não mente?
 Ele ganhou um prêmio.

Ele não mete?
 Ele ganhou um prêmio.

Fala com Deus?
 Ele ganhou um prêmio.

E ainda espera?
 Ele ganhou um prêmio.

Se desespera?
 Ele ganhou um prêmio.

Sonha com sangue?
 Ele ganhou um prêmio.

Usa chinelos?
 Ele ganhou um prêmio.

Disseca insetos?
 Ele ganhou um prêmio.

46

Engole facas?
 Ele ganhou um prêmio.

Masca chiclete?
 Ele ganhou um prêmio.

E espera afásico...
 Ele ganhou um prêmio.

Com sua senha...
 Ele ganhou um prêmio.

Nas antessalas...
 Ele ganhou um prêmio.

Super lotadas...
 Ele ganhou um prêmio.

Da eternidade?
 Ele ganhou um prêmio.

Qual sua idade?
 Ele ganhou um prêmio.

Quando ele chora?
 Ele ganhou um prêmio.

Onde ele mora?
 Ele ganhou um prêmio.

Qual o seu nome?
 Ele ganhou um prêmio.

A vida faz gato e sapato
 de ti, que eras pura alegria?
 E faz, insensível, dos dias
 inútil corrida de ratos?
 Abandona a ilusão e dança.

A vida inda joga seus dados
 nas mesas estreitas da sorte?
 Num jogo de argolas a morte
 anela os pescoços cansados?
 Abandona a ilusão e dança.

E o amor vem e lança os seus dardos
 em teu coração de cortiça?
 E toda pelúcia e peliça
 são menos que o peso dos fardos?
 Abandona a ilusão e dança.

Perdeste teus olhos nas cartas
 e teu coração na roleta?
 Conheces derrotas às fartas,
 e o resto são trotes e tretas?
 Abandona a ilusão e dança.

Amantes são ratos e gatos?
 E as camas já estão ocupadas?
 Os jogos não levam a nada?
 E pagas os patos e páthos?
 Abandona a ilusão e dança.

O último trabalho de El Diabôncio

Astrogildo
Arantes

Quando pensamos em matadores de aluguel, se é que pensamos em algo tão perturbador quanto isso, temos uma visão muito idealista desta profissão tão nobre. Imaginamos um ator hollywoodiano com armamentos pesados matando algum indivíduo malvado que merecia morrer. E as mortes são absurdamente cinematográficas: sangue espirra por toda parte, os tiros vão em câmera lenta, os vilões podem jogar uma bomba nuclear que dizimaria uma cidade inteira, mas não atingirão o matador de aluguel (a essa altura um herói e *sex symbol*), o qual cumprirá sua missão e matará quem deve morrer. E, quando terminar a missão, estará ferido, com a roupa rasgada, mas com o penteado incólume. E, possivelmente, encontrará um par romântico ao longo da jornada e, por fim, passará férias em Miami, graças ao pagamento recebido pelo assassinato.

No Brasil, as coisas não são tão glamourosas assim. Normalmente, o matador de aluguel é só um filho da puta sem dinheiro que mata alguém antes de matar a fome — e só mata a fome porque matou alguém e recebeu o pagamento. Basicamente, o dinheiro vai para um PF no bar do seu Jorge e, se muito, isto é, se matar gente pra caramba e investir parte do pagamento em CDBs e em debêntures com uma boa alíquota de retorno, pode tirar férias em Bora-Bora ou em Poços de Caldas.

É muito raro encontrar um par romântico durante as missões, pois os matadores tendem a ser feios a dar com o pau e barrigudos (não queremos ser barrigudofóbicos neste relato, mas fizemos uma enquete com três pessoas antes de escrevê-lo e duas delas disseram que não acham pessoas barrigudas muito atraentes). E, além disso, as missões nunca são cinematográficas. Normalmente envolvem matar usuários de crack ou ladrõeszinhos do bairro, gente que causa problema para os comerciantes da região — os quais também costumam ser feios a dar com o pau e barrigudos, mas não costumam ser matadores de aluguel, preferindo contratar um profissional devidamente qualificado para o cargo.

Por contratar, é claro, não estamos falando em CLT nem nada do tipo: matadores de aluguel não têm carteira assinada, são autônomos, isto é, empreendedores, isto é, sujeitos neoliberais *stricto sensu*, os quais são contra as leis, regulações e intervenções estatais que restrinjam sua área de atuação e prática profissional. Felizmente para eles, os poderes estatais não tentam interferir muito na prática desses cidadãos, já que, grosso modo, os rapazolas assassinos contribuem com a limpeza urbana, removendo as pessoas indesejáveis e mandando-as de volta ao Pai que está nos céus.

Ah, e as missões não envolvem armamentos pesados e só muito raramente uma bomba nuclear é usada em nosso território. Normalmente, qualquer revolverzinho mequetrefe resolve a parada, aí é bola pra frente e hora de comprar um PF no bar do seu Jorge.

De todo modo, neste ramo profissional, há profissionais que se destacam. El Diabôncio, puta que pariu, é um deles. O cidadão em questão — feio a dar com o pau e barrigudo —, achando que precisava de uma marca registrada, em vez de protocolar um pedido de registro no INPI, ou contratar um designer para bolar um logo bem estiloso, decidiu ser ousado:

passou a executar suas vítimas usando um reco-reco de madeira. Cada assassinato, além de demorado que só a porra, tinha altos requintes de crueldade e de afinação. E, claro, começou a usar uma máscara, pois todo bastardo que quer criar uma marca registrada e se recusa a procurar o INPI faz uma merda dessas. A máscara, no começo, era a da Docinho das Meninas Superpoderosas, mas, querendo ficar mais assustador — se bem que um cara barrigudo vestido de Docinho matando alguém com reco-reco estava num patamar bem alto de coisa assustadora (e pervertida e bizarra) —, passou a usar uma máscara de Diabo.

Como ninguém nunca tinha visto o diabo antes — quem disse que viu, via de regra, era esquizofrênico, lelé da cuca (termo psiquiátrico e psicanalítico adotado no CID-19) ou mau-caráter —, qualquer máscara esquisita poderia representar o diabo (como a da Docinho das Meninas Superpoderosas). Ainda assim, El Diabôncio preferiu ser convencional: usou uma máscara vermelha com chifrinhos. Mas como não queria ser convencional demais (um filho da puta que mata as pessoas com reco-reco nunca quer ser convencional demais), também usava sombrero e um bigodinho de mexicano estereotipado de comédias estadunidenses. Foi por esse detalhe, aliás, que ele ganhou a alcunha de “El Diabôncio” nas ruas. Na certa, do pessoal que estava tirando um sarro daquele cretino, mas acabou pegando — e ninguém vai tirar tanto sarro assim se o cretino é um assassino.

El Diabôncio tornou-se quase uma lenda urbana no bairro Novo Osasco. Só não virou uma lenda urbana total porque ele existia mesmo. Ele saía à luz do dia, com sua fantasia e reco-reco, e era cumprimentado pelas pessoas, apavoradas. A polícia nunca prendeu o cara, o que só aumentou sua moral nas ruas: se um filho da puta assassino anda por aí de forma tão chamativa e não é preso, só pode significar que ele é perigoso pra dedéu e até a polícia tem medo dele.

Na verdade, a polícia estava cagando e andando para El Diabôncio. Só não o prendiam por questões técnicas prosaicas: 1) Novo Osasco era território do PCC, então não podiam chegar lá sem correr riscos; 2) El Diabôncio só matava bandidinhos, então, no limite, estava fazendo um favor para os homens da lei, controlando o crime de uma área em que eles já não podiam entrar de qualquer modo; 3) Em Novo Osasco só há pobres, então que se dane o que acontece lá — uma perspectiva, vale dizer, que norteia a formação de todos os formuladores de políticas públicas do país.

Os moradores da região não sabiam de nada disso, portanto, para eles, El Diabôncio era fodão pra caramba, pois nunca foi preso. No geral, o matador de aluguel matava o mesmo público seletivo de todos os matadores de aluguel: usuários de crack e ladrõeszinhos de bairro. Ao todo, ele já matara nove pessoas em sua carreira. Não é tanto assim, é claro, mas Novo Osasco não é Gotham: não há tantos ladrõeszinhos e usuários de crack pela região. E os comerciantes não são tão sanguinários, a ponto de mandar matar qualquer um, nem tão esbanjadores a ponto de ficar contratando alguém para matar os outros a torto e a direito. Assim, El Diabôncio, em seus 20 anos de carreira, matara apenas 9 pessoas, mas não era um número tão ruim: era cerca de 0,45



peessoa por ano, poxa vida. E, além desses assassinatos remunerados, ele complementava a própria renda como revendedor Jequiti, então até que estava tudo bem.

De todo modo, ele era uma lenda na região e, um dia, alguém decidiu contratá-lo para um trabalho de maior envergadura. Ele deveria matar um youtuber do Rochdale. Tal youtuber começara uma campanha de cancelamento online de um instagrammer do Novo Osasco (doravante chamado de “contratante”). O contratante, vendo isso, decidiu cancelar o youtuber de Rochdale na vida real (é assim que fazemos em Novo Osasco). Assim, contratou El Diabôncio, já que o contratante era macho o bastante para contratar alguém, mas não macho o bastante para ele mesmo matar o desafeto.

Seria o último trabalho de El Diabôncio. Não porque fosse receber uma bolada que cuidaria de sua aposentadoria, garantindo a viagem para Miami, ou Bora-Bora ou Poços de Caldas. Nada disso: o contratante era um instagrammer com apenas 32 seguidores, nem dava para chamar de digital influencer (depois do cancelamento, passou a ter só 18 seguidores). Não tinha, pois, dinheiro para pagar uma bolada — ou qualquer quantia além dos R\$ 250 que foram combinados. A bem da verdade, o youtuber de Rochdale também não era nenhum Wesley Safadão que o valha: tinha 107 seguidores. Mas como ele não estava pagando nada, só sendo alvejado para morrer, que se fodam as métricas que tinha.

Enfim, aquele seria o último trabalho de El Diabôncio porque ele estava cansado. Foram 20 anos na profissão. E ele começou nela tarde, com 62 anos. Agora, com seus 82, estava difícil segurar o reco-reco, quanto mais usá-lo para matar alguém. Sem falar que estava acima do peso, com pressão alta, diabetes... era melhor sossegar um pouco. No mais, ele estava ganhando bem como revendedor Jequiti, então poderia abrir mão dos assassinatos. Aquele seria seu último trabalho, para fechar com chave de ouro: 10 mortos em 20 anos: 0,5 pessoa morta por ano.

El Diabôncio combinou os detalhes do pagamento: assim que o youtuber de Rochdale estivesse morto, o contratante colocaria os R\$ 250 numa lata de extrato de tomate Pomarola e a deixaria com o dono da banca de jornal do bairro. Como todo mundo sabia quem era El Diabôncio e já que o dono da banca de jornal ia fazer a entrega para ele, poderiam ter combinado de o contratante apenas deixar o dinheiro com o dono da banca de jornal, mas El Diabôncio, sempre tão meticuloso, insistiu na porra da lata de extrato de tomate Pomarola. O que, se ver, é muito cretino mesmo para alguém que se veste de diabo com sombreiro e mata os outros de reco-reco, já que ele não era revendedor da Pomarola, mas da Jequiti. Qual a razão dessa lata do caralho? Claro que o contratante não quis contrariar o matador de aluguel. Ele até tinha pensado em propor o pagamento via Pix, mas, diante da taxativa exigência pela lata de extrato de tomate Pomarola, deixou quieto: El Diabôncio estava com o reco-reco e o queijo na mão.

Após essas tratativas, chegou a vez de El Diabôncio fazer sua preparação. Primeiro, olhou na lista telefônica, para saber onde morava o rapaz. Seria mais fácil olhar nas mídias sociais da futura vítima, mas se El Diabôncio quisesse coisas fáceis, não usaria um reco-reco. Após uma demora bem demorada (afinal, com 82 anos fica difícil ler as letras minúsculas da lista telefônica), ele achou o endereço.

Depois disso, comeu um PF no bar do seu Jorge — deixou a conta pendurada e prometeu pagar assim que recebesse o valor

do próximo assassinato — e fez as entregas dos produtos Jequiti que tinha de entregar. Fez uma fezinha no jogo do bicho e, então, partiu para a missão. Foi de ônibus. Demorou pra cacete, pois, no geral, os motoristas passam batido e não param quando um cara vestido de diabo, com sombreiro e bigode de mexicano, dá sinal para entrar na lotação. Mas como quem espera sempre alcança, uma hora El Diabôncio conseguiu um ônibus no qual pôde entrar. O motorista, contudo, já alertou logo de cara que não queria viadagem naquele veículo. Como El Diabôncio não era viado, concordou, entrou no ônibus e seguiu viagem. Por fim, desceu. Desceu pela porta da frente, depois de mostrar o R.G, pois, por ser idoso, não precisava pagar passagem.

O matador de aluguel andou umas quadras, perguntou para várias pessoas onde era o local que estava procurando — na maior parte das vezes, as pessoas se benziam e passavam reto, mas, de quando em quando, recebia uma indicação válida — e, por fim, chegou.

Já estava anoitecendo. Ele viu a casa. Como era um bairro bem pobre, as casas não tinham portão, eram todas bem precárias. Tecnicamente, as casas até deveriam ter portão, mas, se tivessem, puta que pariu, como um idoso de 82 anos ia conseguir entrar? Então, imaginemos que não tinha portão e que a porta estava aberta. El Diabôncio entrou no recinto, o reco-reco já tremendo em sua mão — culpa da porra do Parkinson, nem era por causa da emoção ou da adrenalina. Ficou esperando num quarto escuro.

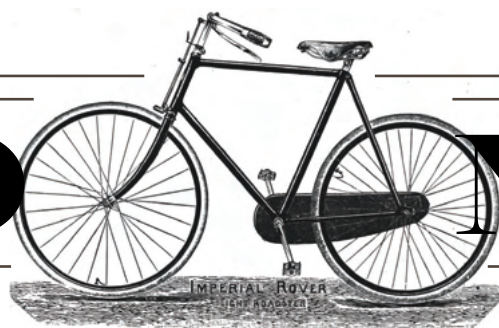
O youtuber entrou no quarto, acendeu a luz e viu a cara do algoz. Deu um berro e se cagou todo, quase morreu do coração. Tentou pegar o celular para chamar a polícia, mas, evidentemente, o celular estava sem bateria, como todo bom clichê. Por conta disso, não teve opção: sacou seu .38 e meteu bala em El Diabôncio. Mais de 300 tiros. Quando acabava o pente, o youtuber ia até o outro quarto, pegava mais um pente e mandava mais bala. Fez isso várias vezes (o equivalente de vezes para dar uns 300 tiros. Não tenho certeza de quantas balas cabem num pente de .38 e não vou pesquisar isso no Google, se não vão achar que sou bolsonarista).

Quando não tinha mais bala nenhuma em casa, o youtuber, evidentemente, parou de atirar. Ele pensou em ligar para a ambulância (algo meio sem sentido, porque depois de 300 tiros não sobra muita coisa para os paramédicos fazerem), mas o celular continuava sem bateria. Ele colocou o aparelho no carregador, depois foi se limpar no banheiro. Aí já tinha esquecido do ocorrido e foi fazer alguma outra coisa aleatória (TDAH é um caralho...). Esqueceu por completo o cadáver de El Diabôncio no chão do quarto.

Passados alguns dias, o cadáver apodreceu, o youtuber foi contaminado pelo cadáver e morreu também. El Diabôncio cumpriu sua missão. O instagrammer, ao saber da morte do youtuber (mas sem saber dos detalhes, mantidos em sigilo pela polícia), creditou-a (e com razão) ao sucesso de El Diabôncio. Entregou o dinheiro, na lata de extrato de tomate Pomarola, ao dono da banca de jornal.

El Diabôncio nunca mais foi visto em Novo Osasco e todos acharam que ele tinha enfim ido à Miami, após o seu último assassinato cinematográfico (eventualmente, com um par romântico ou uma cuidadora). O seu Jorge, do bar do seu Jorge, ficou muito puto, porque El Diabôncio não pagou o que lhe devia. O dono da banca de jornal, por sua vez, riu à toa: teve um final de semana em Poços de Caldas com tudo pago. Bom, na verdade, com apenas o ônibus de viagem e o almoço pago, mas já estava valendo.

RELEVÓ NOTÍCIAS



Consciente da necessidade do nosso corpo de leitores, o **Jornal RelevÓ** não poupa inutilidades para contribuir com o excesso de informações da sociedade contemporânea.

ANNO XIV • FASCÍCULO XIII

Em 2024, juntamos esforços e poupamos talento da nossa redação, cada vez mais capacitada para entender a diferença entre um *lead*, um LED, *right or left*.

Senhora filma briga de rua sem gritar nada

CURITIBA-PR A costureira Tereza Cristina, 62, surpreendeu a vizinhança ao gravar uma cena de desinteligência entre os vizinhos Marcos “Toró” Costa, 32, e João “Caveira” Alves, 28, restringindo-se ao silêncio. Sem gritos repetidos de “PARA COM ISSO!”, “AI MEU DEUS DO CÉU!” ou “CHAMA A POLÍCIA!”, a senhora manteve-se calma e, elegantemente, apenas encaminhou a gravação à neta, Lúcia, 17. “Tô nem aí”, comentou Dona Tereza. Procurado, Toró alega que o silêncio atrapalhou seu desempenho na briga. “Sempre tem uma véia berrando na janela, é como um técnico pra gente. O silêncio atrapalhou, e digo mais: tenho certeza que o covarde do Caveira – que nem ouve direito depois da surra que dei nele no estacionamento da Daju – sabe disso”. Perguntado sobre o motivo do desentendimento, Toró respondeu que não se lembra, mas que começou em uma baliza (nem dele, nem de Caveira) realizada em frente ao mercadinho local. Lúcia, a neta, avaliou o vídeo como “😂 kk”.



Mais confusão: briga de trânsito acaba em casamento

RIO DE JANEIRO-RJ Uma típica discussão no trânsito da Cidade Maravilhosa – em que ambos estavam provavelmente errados, nenhum deu seta e todos berraram – acabou se transformando em uma história de amor digna de programa matutino. Carlos Barreto e Ricardo Diegues, que inicialmente trocavam farpas e buzinas na Avenida Atlântica, terminaram o dia trocando alianças. Tudo começou quando Carlos e seu Ford Fiesta 2008 cortaram o Sandero 2014 de Ricardo em um cruzamento movimentado. “Perdi a cabeça... para minha sorte, ele respondeu na mesma moeda”, relata Carlos, emocionado. “Ele gastou todo o repertório de homofobia da vida dele, e eu também!”, lembra Ricardo, com um sorriso.

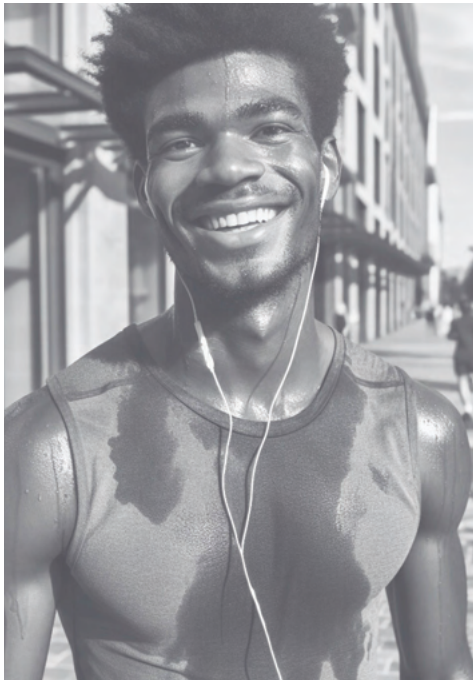
“Nenhum de nós estava errado. A partir daí, a tensão começou a se dissolver”, esclarece. Quando os dois motoristas saíram de seus carros, prontos para uma briga verbal acalorada, algo inesperado aconteceu. “No momento em que nos vimos, houve uma faísca, aquela ódio complementar ao amor. Acho que nunca tinha encontrado alguém que me provocasse, me humilhasse e me seduzisse tanto ao mesmo tempo”, confessa Ricardo. “Foi uma conexão imediata. A gente riu tanto que até esqueceu do caos formado pelo acidente”, disse Carlos. Em um gesto romântico (e impulsivo – “a cara dele”), Carlos propôs a Ricardo ali mesmo. A resposta foi um sim explosivo, ao passo que os dois carros acabaram rebocados.



Avaliador do Detran ri de piada

OSASCO-SP O que começou como um exame de habilitação comum terminou com uma situação insólita. Durante sua avaliação prática de CNH do tipo B, o candidato João Almeida, sangue tipo O, 20 anos, quebrou o gelo com uma piada inesperada. “Eu estava muito nervoso, acabei falando demais... para minha surpresa, o avaliador era humano”, relata João, ainda surpreso com o desenrolar dos acontecimentos. Segundo testemunhas, o candidato, em um momento de puro desespero, teria contado a piada do Joãozinho na Maçonaria – um clássico do cânone nacional – e o avaliador não teria conseguido conter o riso. A situação inusitada chamou a atenção de outros candidatos, que aguardavam sua vez. Tentando aproveitar a onda, Carlinhos

“Tigrão”, 18, contou a piada da loira no saco de batatas, mas foi recebido com um devastador silêncio. “Além disso, minha esposa é loira e eu gosto muito de batatas”, teria respondido posteriormente o avaliador, já em seu estado anímico padrão. “Eu pensei que seria aprovado na hora por fazer o dia dele mais divertido”, ponderou João, ainda rindo da própria audácia. “No fim, reprovei mesmo, mas por acertar duas vezes o meio-fio. Depois, o avaliador me deu algumas dicas de podcast e passou algumas recomendações para a próxima tentativa”. O Detran, em nota oficial (muita da sem graça), reforça que manter a calma é essencial para um bom desempenho no exame e que a habilidade ao volante segue como o principal critério de avaliação.



Cidadão corre 6 km e não posta nada

UBERLÂNDIA-MG Marcelo Carrão, 28, só queria dar uma volta – e assim o fez. Animado com o sol, ele decidiu deixar um “carrão” na garagem e movimentar o outro. “Não, nunca fizeram esse trocadilho... hoje”, responde o dentista, já mais sorumbático. Sem o hábito de praticar este exercício específico, Marcelo reage com surpresa ao ser questionado por diversos transeuntes ali mesmo, no Parque do Sabiá, de forma um tanto invasiva. Eles queriam saber seu *pace*, termo desconhecido pelo dentista, que buscava apenas gastar energia e aproveitar o sol. “Não bateu 5 min nem a pau”, sussurra a designer Bruna Campos. Desgarrando-se de braços suados – que insistiam em convidá-lo para grupos, maratonas e sessões de foto –, Marcelo voltou para casa de Uber. “Me segue no Strava antes”, ordena o analista de sistemas Jaime Courir.



WhatsApp: grupo da família sente falta de tio chato

BLUMENAU-SC O que parecia um sonho para a família Arantes acabou se tornando um evento lamentável. O tio Nelson, carinhosamente apelidado de Luvinha, decidiu desinstalar o WhatsApp e desaparecer para um local desconhecido, deixando um vazio imensurável no grupo da família. Relatos apontam que Luvinha, famoso por enviar vídeos de bom dia, correntes de oração, comentários de extermínio e conteúdo +18 por engano, decidiu abandonar a tecnologia e viver como um eremita. “Eu sempre dizia que ele era insuportável, mas agora sinto falta de reclamar dele”, confessa a sobrinha Marisa, entre lágrimas e dois diagnósticos de ansiedade. “Gostava de como, antes de me ignorar completamente, ele sempre me escutava”. A ausência de Luvinha trouxe consequências inesperadas. Para o primo Jorge, também frequentador assíduo do Bar do Geraldo, o grupo da família ficou estranhamente silencioso. “Ninguém mais agride verbalmente os mais jovens ou desenvolve teorias da conspiração, e justo numa época em que precisamos tanto disso”. Um pouco constrangido, Jorge confessa que, entre uma dose de Campari e uma cachacinha de losna, passa os dias revisitando as mensagens antigas de Luvinha. Apesar de um irmão – que preferiu não se identificar – dizer que a saída de Luvinha é benéfica tanto para ele como para sua comunidade, tia Rosa discorda. “Certamente estamos dormindo melhor, mas acordar sem aqueles áudios perturbados de 17 minutos é como perder um alarme natural”, lamenta. “Agora temos que lidar com a negligência parental do irmão dele”. A falsa paz tem levado muitos membros do grupo a investigar o paradeiro de Luvinha. Gael, de 14 anos e iPhone 15, a única fonte que topou sair de casa para procurar Nelson, desistiu no meio do caminho, mas produziu um belo *reels*.

Para mais notícias, acesse nosso portal online:
www.instagram.com/jornalrelevo



Fracasso e sucesso são dois caminhos igualmente duvidosos para filmes e séries



Detalhe de "Allegoria do vício",
Correggio, ~1531. Louvre.

E N C L A V E

a newsletter do Jornal **RelevO**

Assine e receba de graça em seu e-mail:
<<https://jornalrelevo.com/enclave>>

“Boa sorte e má sorte criam uma à outra e é difícil prever sua mudança.”¹

Furiosa: uma saga Mad Max passou nos cinemas recentemente. Também passou *pelos* cinemas, isto é, de forma rápida e/ou inexpressiva.

O filme foi um fracasso, uma *tragédia*, um *apocalipse*. Ao menos pela métrica de bilheteria – por si só obcecada com o fim de semana de estreia, especificamente – e do ponto de vista de quem decide investir centenas de milhões em alguma produção.

Furiosa funciona como *prequel* – já podemos apertuguesar para “prequela”, rimando com querela e remela? – do último *Mad Max (Fury Road)*, lançado em 2015. A obra mais recente acompanha a personagem-título (Anya Taylor-Joy hoje, Charlize Theron em 2015) e, meus amigos, é um filmaço.

Assim como seu antecessor (ou sucessor narrativo), *Furiosa* é um argumento autoexplicável da magia do cinema. **George Miller**, o australiano criador e diretor deste e de todos os *Mad Max*, segue à risca sua premissa de “fazer filmes que não exijam legendas mesmo em japonês”.

Diálogos são um atraso, um empecilho: a história se desenvolve na ação, nos objetos, nos cenários, nas roupas.

Nos carros.

Fazer isso é difícil, extremamente difícil. Como bem descreveu **Steven Soderbergh** (*Sexo, Mentiras e Videotape; Traffic; Onze Homens e um Segredo*):

“Acabei de assistir Mad Max: Fury Road novamente na semana passada, e digo a vocês que não conseguiria dirigir 30 segundos daquilo. Eu colocaria uma arma em minha boca. Não entendo como [George Miller] faz isso, realmente não entendo, e é meu trabalho entender isso. Não entendo duas coisas: Não entendo como eles ainda não estão filmando esse filme e não entendo como centenas de pessoas não estão mortas.”

O universo de *Mad Max* é fascinante e ricamente construído num capricho absoluto. Inclusive, a prequela não tem nada de continuidade retroativa: Miller escreveu toda a história em ordem cronológica. Ou seja, *Fury Road* nasceu primeiro, mas já amarrado à sua história de origem.

Enfim, um filmaço.

E um fracasso.

Torcedores de bilheteria

Entre figuras pitorescas da contemporaneidade, encontramos apostadores profissionais que acompanham a série C guatemalteca e mentores de *coach* com *coach* em mentoria. Também temos torcedores de bilheteria.

Estima-se que uma grande produção tenha de dobrar ou triplicar seu custo para ser considerado um sucesso comercial. Aquele valor que você vê na caixinha da Wikipedia não é um bom parâmetro, pois – geralmente – não inclui custos de marketing, sempre expressivos (e proporcionais ao nível da produção). A conta nunca é exata para quem vê de fora, e ao público resta buscar aproximações e estimativas.

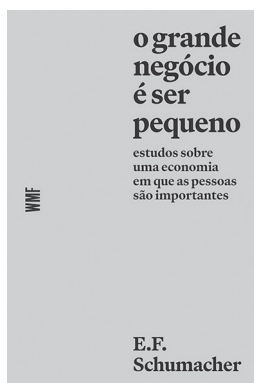
Nesse contexto, o torcedor de bilheteria *benigno* acompanha as movimentações de arrecadação diante de sua insignificância apenas para cultivar a esperança de que uma obra amada tenha continuidade.

O torcedor de bilheteria *maligno* celebra o sucesso financeiro como se tivesse feito parte disso e se compara com outros fãs de outras franquias como um marco de vitória, tal qual um estudante de Serra Talhada (PE) desfrutando as glórias do Real Madrid para seu amigo fã do Santa Cruz.

Mad Max: Fury Road foi sucesso absoluto de público e crítica. *Furiosa* não teve o mesmo público. O que isso significa? Provavelmente, o fim da franquia. Ao menos nas mãos de George Miller, hoje com 79 anos. Até um novo ciclo cultural. Até novas e velhas franquias saturarem e, em algum escritório americano, algum ricaço sussurrar, depois de descartar *Robocop vs. Poderoso Chefão* e prometer “pensar melhor” sobre *Star Wars Homem de Ferro Alien Godzilla*: “e se fizermos um novo *Mad Max*?”.

Mas há um lado bom em não termos outros *Mad Max*. E não queremos falar, especificamente, sobre *Mad Max*.

Sucesso também é um fardo



Um livro sobre o Coritiba ha ha ha ha ha

Sequer julgo os produtores e demais tomadores de decisões. Não faço ideia das premissas com as quais trabalham, e sabemos (todos) como a cultura inteira adentrou um vórtice de estender ou ressuscitar *qualquer* coisa que tenha dado certo.²

Obviamente, prefiro viver num mundo onde alguém aposta em um criador ousado e competente como George Miller. Sou um cidadão inexpressivo e torço por um produtor corajoso e/ou provido de bom gosto e/ou empossado de tanto dinheiro que um fracasso comercial sequer lhe afeta. Como a coragem – e a aposta – de entregar dinheiro na mão de

Denis Villeneuve para este fazer meio filme.

No entanto, existe um doce consolo no fracasso comercial. E com isso não quero torcer pelo insucesso alheio (muito menos acreditar que exercemos qualquer influência sobre ele) ou defender que, intrinsecamente, a popularidade é boa ou ruim.

Apenas pensemos em alguns exemplos atuais. Um exemplo (poderia ser uma lista extensa, mas sejamos práticos). Na televisão, a recentemente lançada e aclamada *Xógum* adapta o livro homônimo de James Clavell. É uma história fechada, fechadinha. Mas deu muito certo. Depois de negar, e negar, e negar a possibilidade de uma segunda temporada, o que aconteceu?

...

Teve uma segunda temporada confirmada.

...

E, de quebra, uma terceira!

Isso é por si só um problema? Não necessariamente. Significa que a segunda e a terceira temporada serão inferiores? De modo algum. Nada significa nada. Aliás, também não temos absolutamente nada contra alterar ou estender um texto-fonte – “fidelidade” artística é por si só uma ficção. Existem adaptações boas e ruins, apenas.

O ponto aqui é outro: de algum lado, certamente um artista/criador com bom senso defende sua visão criativa. De outro, alguém com dinheiro e poder decisório enxerga a possibilidade de ganhar mais dinheiro com algo que, oras, *deu certo*. Para que lado a corda estoura?

E, em defesa da decadência, por que o criador deixaria de aproveitar o embalo e não se encher de dinheiro, correndo o risco de não se envolver e ver sua obra ainda deturpada, mas em mãos alheias? Raros são os momentos em que – como *Fury Roady* e *Duna* – juntam-se enorme capricho, grande orçamento, sucesso de crítica e sucesso de público³.

E *Xógum* é só um exemplo, literalmente o mais recente que lembramos. Se você cavucar em sua mente, pensará em inúmeras séries esticadas à exaustão ou filmes que se tornaram franquias que se tornaram entulho. Quantos *Alien* e *Exterminador do Futuro* poderiam ter sido evitados, conservando apenas a beleza dos dois primeiros de cada franquia?

Enquanto confabulamos, alguém tenta empurrar uma nova temporada para a minissérie *Mare of Easttown* – outra história fechada, redonda, bonita e devidamente encerrada. Mas deu certo, então para quem a HBO vai apontar na hora do desespero?⁴

Com isso em mente, não dói saborear a visão de um ex-médico australiano capaz de – esporadicamente, sem exaustão, sem *Mad Max vs. Alien vs. The Bear em um Lugar Silencioso* – tirá-la do papel. E consolar-nos que alguém pagou por isso — nem que pela última vez.

Witness me!

¹ Boa sorte? Má sorte? Quem sabe? Eis uma belíssima parábola chinesa: <https://en.wikipedia.org/wiki/The_old_man_lost_his_horse>

² Que tal ressuscitar *Sex and the City*? Os Backstreet Boys? Continuar *O Diabo Veste Prada*? *Gladiador*? *Pânico*? *Todo Mundo em Pânico*? Sucesso é uma condenação recursiva.

³ Bom momento para lembrar que *Babilônia*, um filme autorial de grande orçamento, não foi sucesso nem de público nem de crítica.

⁴ Até porque desespero é o estado padrão da televisão pós-Netflix: os serviços de *streaming*, com aumentos de preço e inserção de anúncios, que o digam.



Andrey Derzette

O AUTÔMATO

É um Leão in+terno que de dentro rugue:
viver de renda; stockings; (SEX)o. O resto é escárnio.
Moeda/moedor. Trocar. Cal, sangue e carne o
jantar às dez. Rolex, Hugo Boss, vinho rouge...

É tarde. Um rubro-negro (ou uma mulher aberta?)
estupra e cobre os céus. Espelhos. IBOVESPA.
O vômito voraz em vértices e vespas
escorre pelas ruas... Noite. A Bolsa fecha.

Xerox. Tomo um Xanax. Xadrez. Ainda adicto
em caos consonantal (e conto cada ictio:
iâmbico, martelo, heroico ou será sáfico?)

Mesa pra dois. Bistrô % Tudo ao redor se assoma
o zEROS num, um só, n°um único axioma:
R\$ U\$ R\$ U\$ R\$ € R\$ ¥ R\$ ¥ R\$ € R\$ R\$

W.H. Auden

TRADUÇÃO Ivo Korytowski

FUNERAL BLUES

Stop all the clocks, cut off the telephone,
Prevent the dog from barking with a juicy bone,
Silence the pianos and with muffled drum
Bring out the coffin, let the mourners come.

Let aeroplanes circle moaning overhead
Scribbling on the sky the message He Is Dead,
Put crepe bows round the white necks of the public doves,
Let the traffic policemen wear black cotton gloves.

He was my North, my South, my East and West,
My working week and my Sunday rest,
My noon, my midnight, my talk, my song;
I thought that love would last for ever: I was wrong.

The stars are not wanted now; put out every one,
Pack up the moon and dismantle the sun,
Pour away the ocean and sweep up the wood;
For nothing now can ever come to any good.

CANTO FÚNEBRE

Relógios, parar! Telefone, desligar!
Um osso succulento pro cão não ladrar.
Pianos, silêncio! Com dobres de finados
Tragam o caixão, venham os enlutados.

Aviões circulem chorosos pelo céu
Escrevendo uma mensagem: ele morreu.
Os pombos da rua laços de crepe ostentarão
Os guardas de trânsito, luvas pretas de algodão.

Ele era meu sul, norte, oriente, ocidente
Domingo de lazer, meus dias de batente
Meio-dia, meia-noite, papo, canção
Pensei que o amor fosse eterno: triste ilusão!

Sejam expulsos os astros, já não fazem sentido,
A lua empacotada, o sol destruído!
Os oceanos, secados, a mata, ceifada,
Já que tudo isso não serve mais para nada!



É uma espécie de “florelição”, pois condensa textos que saíram em zines e publicações literárias esparsas, mas também escritos inéditos. Nele, o autor mostra-se atento ao cenário sociopolítico de nossa época, especialmente os flagelos raciais e o mundo ético artístico, mas sem negligenciar a construção poética e o humor involuntário e desesperado que brota da ironia e crítica ácida. Neste volume, o leitor tem acesso ao levante de um estandarte em “[...] resposta (e privilégio!) / é saber que sou a única razão / de meus ancestrais ainda estarem aqui”, até um lirismo exacerbado e lúgubre em “Meu sofrimento é cindido... / Está perdoado quem foi / está perdoado quem ficou / ainda tem a cruz para levar / Eis a sina do perdão”. Nesse ínterim, o embalo é garantido pela imagem acústica de que “A poesia é a sobreasseveração da alma”.

Minutas do íntimo

São Paulo: Haikai
48p. R\$ 30
haikaieditora.com.br/produto/minutas-do-intimo/



FUNERAL BLUES

Poema de W.H. Auden publicado na seção “Lighter Poems” do livro *Another Time*, de 1940, seguido de sua tradução por Ivo Korytowski. O poema popularizou-se ao ser declamado na cena do enterro do filme *Quatro casamentos e um funeral* (*Four Weddings and a Funeral*), comédia romântica britânica de 1994, dirigida por Mike Newell.

Maria Clara Viana

tudo que é doce derrete

eu te mostrei que algodão doce
 não era nuvem, era açúcar e açúcar
 derrete na mão e mela
 tudo, inclusive sua roupa off
 white
 montando peças de lego
 a sensação de que perco porque
 de fato, meu corpo perde
 força
 todos os dias, meus neurônios motores
 degeneram
 seu quadríceps murcha, seu pump
 some

nossa superfície de contato
 diminuindo

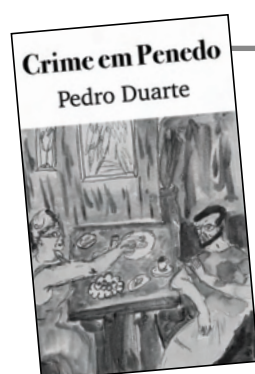
você achando que pode ir e
 voltar para dizer coisas bonitas
 como
 sinto sua falta, como se isso
 fosse me convencer

parece que você esquece que
 quem te ensinou a brincar
 fui eu

é no chão que a gente toma consciência da queda

para rafael

dando voltas na infância, o espiral dos traumas. a saudade como isso que retorna, um buraco fundo. aqueles sonhos de que você está caindo, afundando, e você acorda. a lembrança de que meu pai é um homem pequeno, compacto. meu pai como um campo minado, organizando em prateleiras todos os explosivos da empresa sísmica em que trabalha. um notebook, camisas sociais. o orgulho que ele sente de ter uma filha como eu. não sei por que você me lembra meu pai. parece que onde dói em você também dói em mim. então, você esquentando o almoço, frita um ovo. as ausências, os amigos que ficaram. amar alguém que, se chegar muito perto, aloja como neném novo, depois arrota e dorme. visitei lugares que não lembrava mais. no fim é isso: enfiar a língua em feridas abertas, pingar gotas de limão, beber cachaça. mas não fumo, porque minha mãe nunca tolerou cigarro e porque meu padrinho é médico. nossas experiências de luto, a infância, que, se a gente olha agora, foi toda mastigada, picada, temperada com pimenta, alho e sal. não sobra inocência. foi comida pelas beiradas. e a ingenuidade é o medo que fica, de ser enganado, de que a menina que a gente ama vire de costas, vá embora. você me comove. o luto, esse sentimento de retorno. mas é no chão que a gente toma consciência da queda. aqui, o nosso levantar da queda, o joelho sangrando. a infância, onde tudo acontece. a culpa, que cresce. o pessimismo como esperança.



Crime em Penedo

Pedro Duarte

209 páginas

Uma combinação curiosa de thriller com sátira social, Crime em Penedo narra a viagem de Vítor Borba a Penedo, na serra da Mantiqueira, sede da primeira e única colônia finlandesa do Brasil, na companhia de sua mãe. Vítor é um profissional às vésperas da meia-idade. À primeira vista, ele tem tudo: uma boa educação, estabilidade no trabalho, ambições criativas e perspectivas de crescimento. Mas não está satisfeito. Sua mãe, por outro lado, é uma pessoa prática e de personalidade forte. As diferenças entre mãe e filho exacerbam-se quando, em plenas férias, eles precisam abordar uma tarefa em comum: um desaparecimento que assombra a comunidade. **É possível comprar o livro via Amazon e Kobo.**

Carol Campos

Francamente.



— Você é tão infantil. Acha mesmo que dizer que se lamentar conserta alguma coisa?

— Aonde você vai? Onde devo ir? O que devo fazer?

— Francamente, minha querida, eu não dou a mínima...

E foi assim, bem assim, que vi a porta se fechar. Lá fora, um calor semidesértico. Talvez eu tenha inserido por conta própria o diálogo de *E o Vento Levou* que marcou uma das rupturas menos românticas do cinema. Talvez tudo tenha sido bem menos dramático. Mas decidi me lembrar dessa cena exatamente assim.

Não sei dizer ao certo quanto tempo se passou. Ou se comi. Sei que bebi um bocado. Sei que, durante as primeiras várias horas, ouvi a mesma música muitas vezes. E sei que cantei junto. Sei que o volume estava alto o suficiente para que minha vizinha viesse bater na minha porta, acompanhada do síndico e de duas senhorinhas curiosas. *Se lembra quando a gente... chegou um dia a acreditar... que tudo era pra sempre... sem saber... que o pra sempre, seeeeeempre aaaaabaaaa... Tenho a leve lembrança de que Dona Filomena estava no pequeno grupo, mas, como ela realmente me adora, se escondeu na escada quando abri. É. Agora tenho certeza. Reconheci na memória dessa cena o vestido de renda verde claro, que ela comprou em sua última viagem à Cipó dos Anjos, e que a deixa com um ar jovial. Talvez o silêncio fosse mesmo mais interessante. Ou menos doloroso do que esses acordes.*

“Tudo dura três dias”, dizia meu pai quando eu tinha algum problema. Qualquer tipo de problema: nota baixa, assalto a mão armada, briga no escritório, aquela dor visceral de quando arranquei dois dentes do siso no mesmo dia. Então, por respeito aos seus ensinamentos, gosto de acreditar que, ao terceiro dia, Alice abriu a porta e entrou. Vi que estava acompanhada. Vi quando abriu as cortinas. Vi que colocou as almofadas vermelhas de volta ao sofá. E, enquanto me carregavam pelo corredor, vi que meu quadro favorito ficaria bem melhor na sala, já que o

azul turquesa da igrejinha de Amontada é apenas um tom mais claro que o das cortinas. Senti a água morna escorrendo pelos cabelos e me lembrei de como era gostoso tomar banho de banheira na casa da minha avó! E de como eram espetaculares os vestidos de noiva que eu fazia no meu próprio corpo, com a espuma do shampoo. E concluí, se é que se pode concluir algo enquanto pessoas te esfregam, que a vida dos adultos é tão complicada que não acho assim tão ruim ser um pouco infantil.

— Nada se é conquistado com lágrimas.

— Ah, Alice... na minha vida, a saída nunca depende de pra onde eu quero ir. E eu... ah como eu te invejo.

Aqueceu-me com meu roupão de bolinhas coloridas e secou meus cabelos com toda sua delicadeza. Depois fez uma trança, assim como fazia minha mãe quando ainda morávamos em Aprazível. Meus cabelos, que sempre foram rebeldes nas minhas mãos, sempre obedecem mulheres sábias.

— Eu não sei pra onde ele foi.

E de repente me deu náusea. Perdi o controle das pernas e escorreguei lentamente, como se fosse uma folha de parreira caindo no gramado, no início do outono. As duas me apoiaram, e me deixaram ali por um instante. Imóvel. Respirando. Sentada no chão do banheiro. Por que será que tanta gente sempre se senta no chão do banheiro quando precisa de um tempo? Entendo melhor os que se deitam na cama ou no sofá macio em posição fetal. Faz todo sentido! Mas o chão do banheiro? É frio, desconfortável, duro, sem graça. Mas muito acolhedor. E desabei novamente.

— Vamos, não adianta nada chorar assim — disse em tom áspero. Alice dá conselhos muito bons, embora raramente os siga. A Rainha de Copas, que até então não tinha dito uma palavra sequer, pediu que nos sentássemos à mesa da cozinha e nos ofereceu um pedaço de bolo de chocolate. Tinha calda de brigadeiro e cobertura de doce de leite. E sinceramente... eu não precisava de mais nada.





No último dia 25 de junho, a editora completou 12 anos de atividades. Na ocasião, aproveitando que esse número simboliza o fechamento de um ciclo, anunciamos em nossas redes sociais o começo de uma nova etapa, representada por um novo nome.

Penalux transmutou-se em *Litteralux*.

Em termos práticos, pouca coisa mudou. Afinal, nossos livros, não importando sua data de publicação, continuarão sob a mesma "lux". É a mesma editora, com a mesma equipe, norteada pela mesma proposta e selos editorais. Manteremos o mesmo compromisso com a qualidade das edições e, sobretudo, o mesmíssimo slogan, nosso mantra vocacional: *livros iluminam*.

Que venham, então, mais doze anos de publicações!

editoralitteralux.com.br



[/c/EditoraLitteralux](https://www.youtube.com/c/EditoraLitteralux)



[/litteraluxeditora](https://www.facebook.com/litteraluxeditora)



[@editoralitteralux](https://www.instagram.com/editoralitteralux)



litteralux@editoralitteralux.com.br

Bruna Steffany

2.

Meu vô vai matar uma rolinha alaranjada com as pedras feitas de nossa terra cor de ferrugem.



O chão do quintal é de um vermelho violento que se agarra em nossas unhas, pés e dentes. Eu provava daquela areia, tinha um gosto bom de ferro. Com o pescoço todo torto e a baba escorrendo pelos cantos da boca, eu olhava aquele mar vermelho e chegava a uma conclusão: a argila só pode ser os restos mortais dos antigos.

E me dou conta de que sou gente graças a essa primeira memória. A da Outra Lá, era a manga. As primeiras lembranças não são como dias iluminados, aqueles em que conseguimos ver a imagem dançar com a quentura do sol. Elas são noites escuras de relâmpagos confusos e desordenados. Mas mesmo assim a garota tinha a certeza de que o mundo veio da manga.

Na noite em que o Lobisomem corria besuntando os pés rachados nos restos mortais vermelhos, os homens estavam à mesa pequena de plástico. Quatro homens jogando, apostando, quem sabe, os filhos, a mulher, a casa ou a manga. E a moleca observando o jogo, o bucho estufado e as pernas cruzadas, com as pontas dos quatro dedos encostados nos dentes de baixo.



As bolhas de suor nasciam e choravam na testa de um homem engraçado. Um deles levanta alegre, ganhei, ganhei! E entrega a manga gigante e rosa com amarelo para ela. A menina olha o fruto e sorri. Ele vai pra casa.

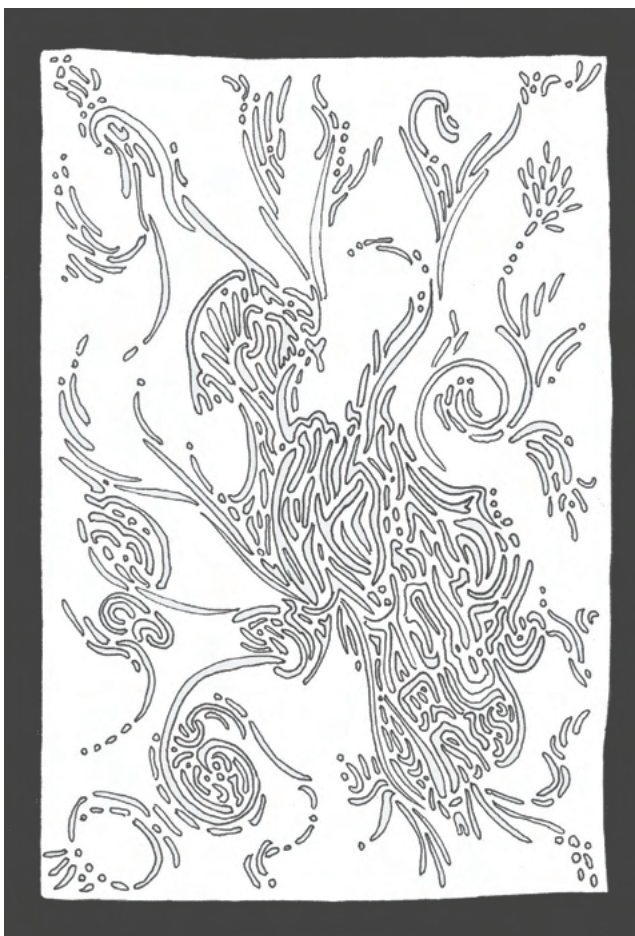
Foi quando ela descobriu que sentia coisas. Saiu correndo para casa, sorria, sorria dizendo eu sou gente, mãe!, olhando para a fruta rosada em sua mão. Era mais uma vez o nascimento do mundo e a morte de alguém.

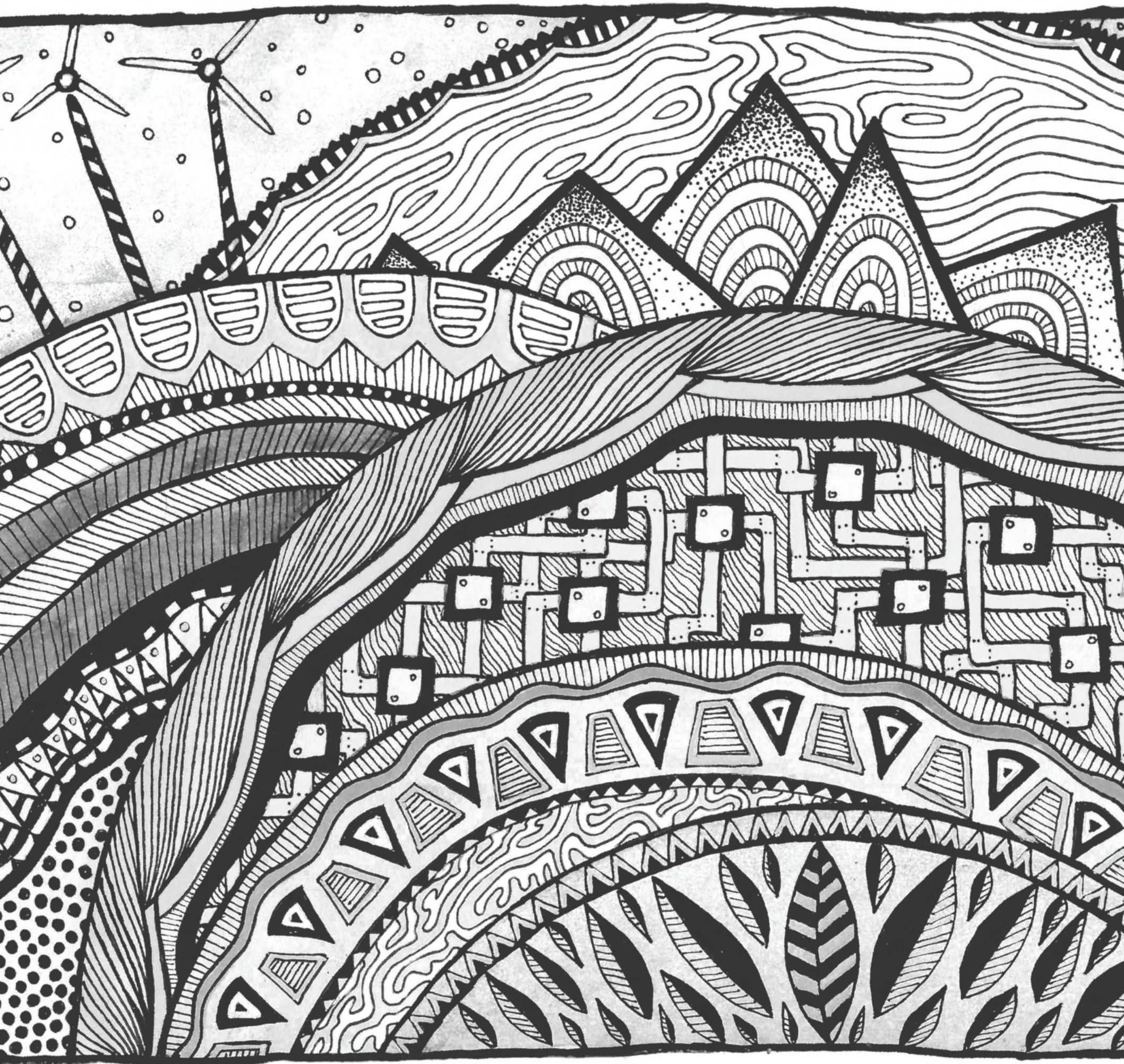
O sol alaranjado foi embora, brincar no outro lado do globo. A falta de luz era forte, a lua até virou o rosto e o Lobisomem foi pra casa com medo. Havia apenas o amarelo das luzes artificiais criadas pelo deus da manga. Silêncio. Grilos. Gritos.

Era o deus dela implorando não me matem.

Espero que tenha aproveitado seu último dia, neguinho, porque é agora que tu vai morrer.

Choros e pedidos de redenção. Último som de vida. Socos e pauladas ocuparam o vazio da noite. Mais sangue para colorir nosso chão. Depois de um tempo, o silêncio ocupou seu lugar novamente. A moleca olhava com desespero para quem lhe dera a vida e só não chorava alto porque uma mão tapou-lhe a boca.





Anderson Almeida Nogueira

C O S T U M E

Quem passa na estradinha da zona rural avista a cena que parece até um quadro, daqueles pintados em quantidade pra ser vendido nas praças, nas quermesses, de pouco valor — quase nada: um morro por detrás, ao longe; um campo vasto, gramado verdinho, passa um ribeirão no meio cortando o campo em dois. Água pura e cristalina que escorre da serra até chegar ao rio grande, antes banha o quintal, mata a sede do gado, irriga a plantação acanhada. Os boizinhos circundam a pequena casa de pau-a-pique, tijolo de adobe aparente, umas madeiras roliças nos cantos. As telhas são de barro cozido, moldadas nas coxas, de tamanhos diversos sem encaixe perfeito, que a chuva grossa denuncia nas goteiras. A casinha pequena fica de frente pra estrada, aonde se chega depois da tronqueira de arame farpado e estaca de goiabeira. Choveu nesses dias, então tem que desviar da poça de lama e esterco de boi, daí segue o caminho estreito, só de gente e burro, e boi quando chega pra engordar e quando sai pro abate. O caminho é curto, cerca de 60 passos de homem crescido; cerca de 80 passos de mulher com rebento no ventre; cerca de 100 passos de criança de calça curta; uns 250 do vira-lata Chulapa, que, de quando em quando, dá uma paradinha pra se coçar de pulga e carrapato.

A casa tá no meio do quadro pra quem olha da estrada que margeia a cerca, logo

depois da curva da jaqueira e antes do pontilhão de madeira. A casinha tem duas janelas sempre abertas, em uma tem uma galinha agachada, parece adormecida. Tem uma chaminé de manilha que vazava o telhado, sempre com uma fumacinha saindo, fogão de lenha arde dia e noite. No meio da casa, de frente pra estrada tem uma porta que também está sempre aberta, também fica difícil fechar né, tem sempre um homem sentado no degrau de entrada, pitando fumo de rolo, chapéu de palha na cabeça, calça dobrada na canela, pés descalços, rachados como chão sem chuva, unhas com terra que nem canteiro de couve, grossas como garra de carcará. O vira-lata deitado de lado. Passa carro pra cá e pra lá e o homem sentado; passa carroça pra cá e pra lá e o homem não arreda dali; passa alguém de cavalo, passa moto barulhenta, passa gente andando e pedalando também, e o quadro não muda — o homem tá lá, vendo o tempo passar.

Na casa do homem que está sempre sentado no degrau não tem luz elétrica, a penumbra é amenizada pelo candeeiro que empretece as paredes internas caídas e perfuma de querosene o cômodo acanhado. Do lado de fora tudo é breu. E a sombra do homem sentado no degrau de entrada. O homem está sempre ali — quase sempre ali. Sai pra se deitar quando a lua já é alta; quando não tem lua vê hora no

pio da coruja; quando chove, no coaxo de sapo-boi. De manhãzinha, antes do sol raiar, dá de comer aos bichos — tem porco, galinha, uma cabrinha pra leite, uns boizinhos pra engordar. Volta pro trono, figura central do quadro barato, toma café por ali, por ali também come o prato fundo e cheio que a mulher lhe serve, obediente, conformada com aquela vida sofrida. Deixa o prato de lado, no chão de terra batida, dentro e fora do casebre; o vira-latas limpa os restos, lambida em lambida.

Passa um dia, outro dia, passa uma vida. Passa gente pra lá e pra cá e o quadro não muda; o morro, o ribeirão, o campo verde, uns boizinhos e a casa com chaminé no centro da tela. O homem está lá, cachorro deitado, galinha na janela. Hoje, quando passei de carro, reparei que tem um poste de luz que fica do lado de dentro da porteira, aquela tronqueira de arame e pau de goiabeira. O poste de concreto fica a uns 40 passos de homem crescido; cerca de 60 passos de mulher com rebento no ventre; cerca de 80 passos de criança de calça curta; uns 200 do vira-lata Chulapa.

A casa não tem luz elétrica, só de candeeiro que escurece as paredes e catinga a sala. Por que o homem não se levanta e estica um fio do poste pra casa? Será que não se importa com a penumbra constante? Será que se acostumou a ser um quadro em qualquer parede?



EDIÇÕES
Dionysius

Poetas e Ficcionalistas,
venham prosear com a gente
r3.editora.pangeia@gmail.com

Conheça mais
www.editorapangeia.com.br

Nós nos desdobraamos / Para que cada Escritor / Tenha uma casa / Que possa chamar de Sua



Samba Original

Zé Ketí &
Elton Medeiros

*Meu samba é um samba diferente
Pois, de fato, minha gente, ele é muito original
Não fala das cadeiras da mulata
Do murmúrio da cascata ou do amor no Carnaval*

*Não cita frases célebres da história
Nem revive a luta inglória dos sedentos de riqueza
Nem mesmo narra farsas de carinho
Emanadas de um peito transbordante de frieza*

*Podia falar do pandeiro ou da cuíca
Ou do surdo de barricada que já não existe mais
Ou mesmo de um coração ferido
Solitário e comovido e dos seus doridos ais*

*Não fala, meus amigos,
De ninguém
Simplificando a história
Não fala de mim também*